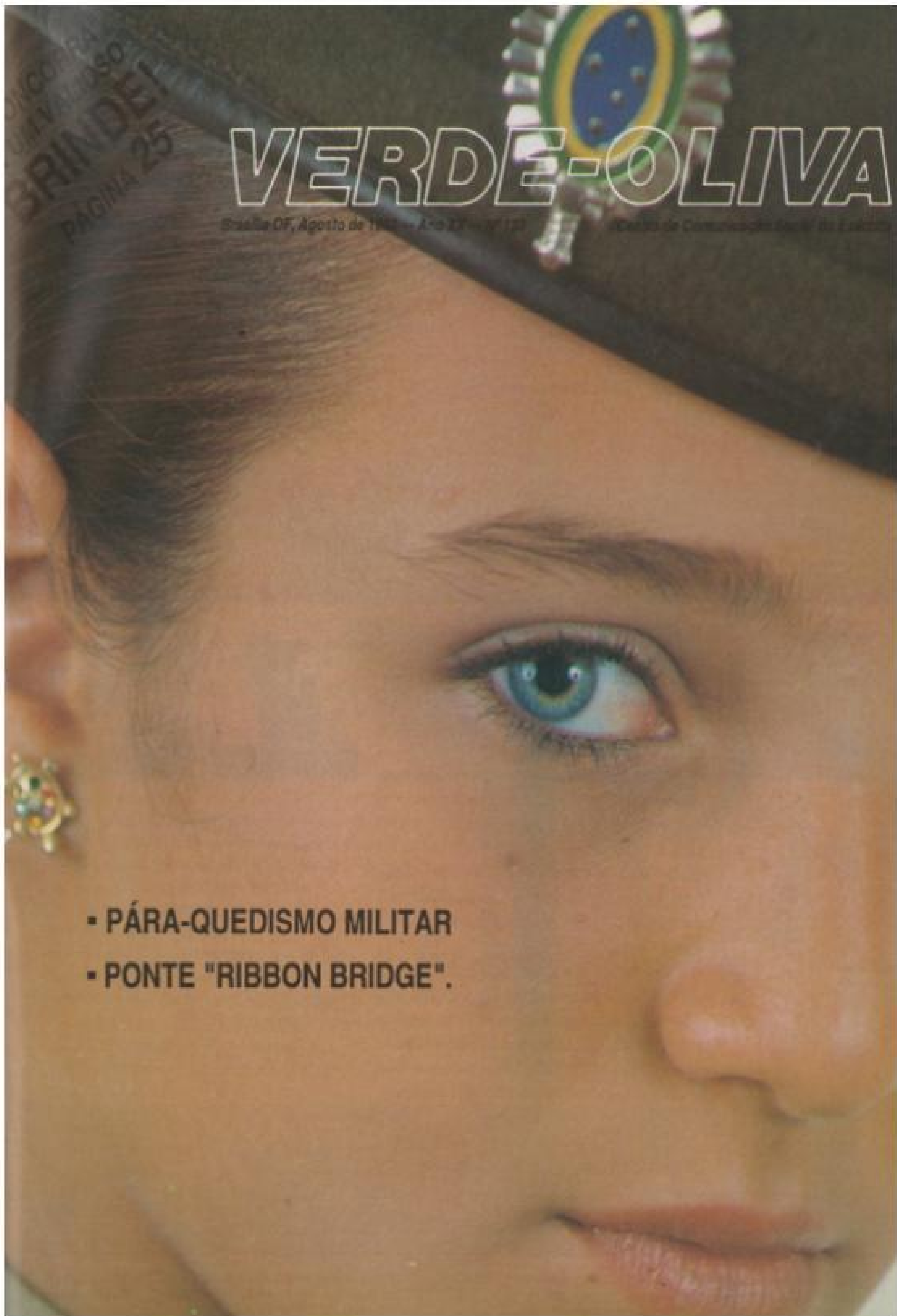
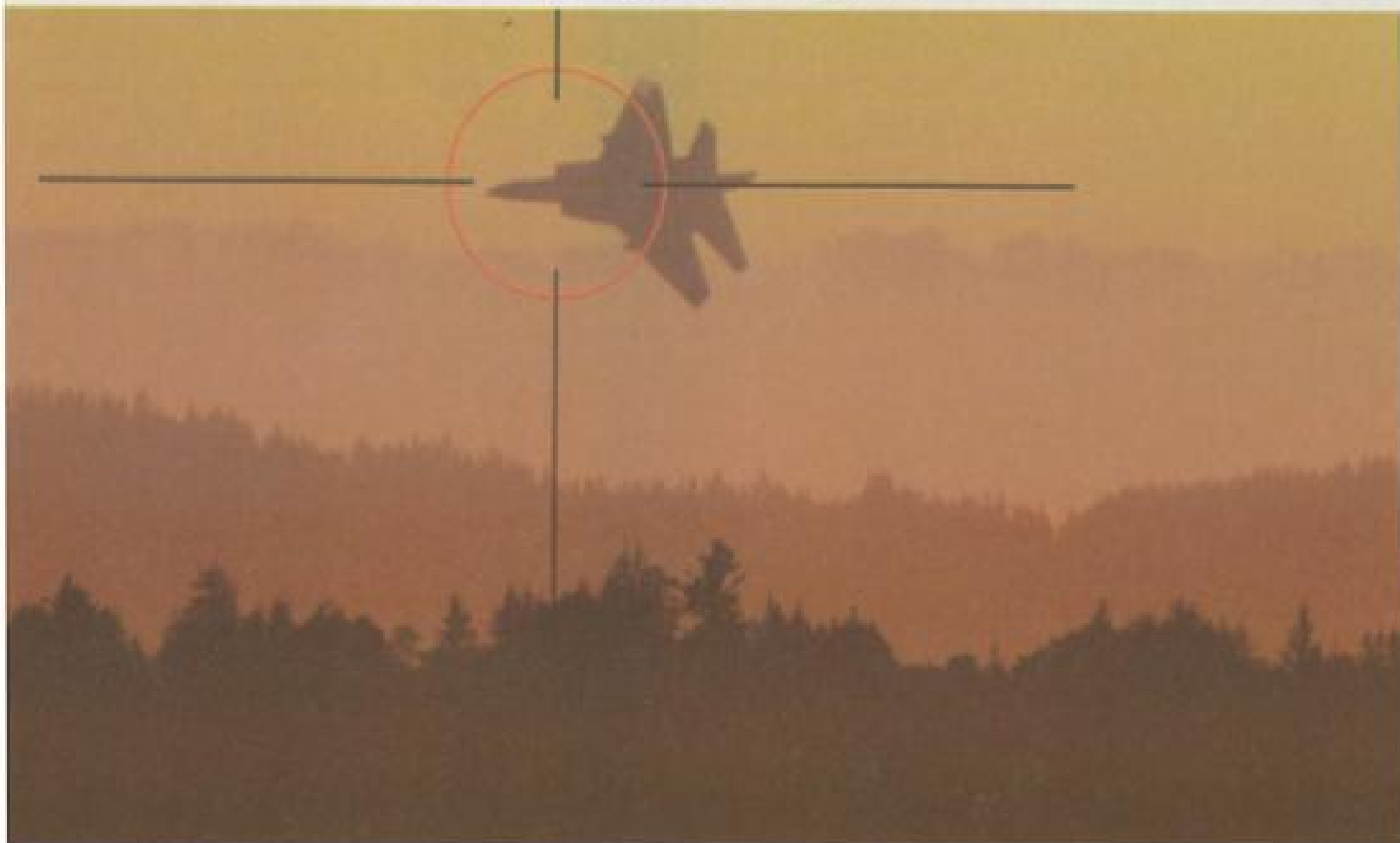
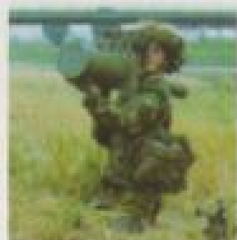

VERDE-OLIVA
BRINDE!
PÁGINA 25
• PÁRA-QUEDISMO MILITAR
• PONTE "RIBBON BRIDGE".

O que você vê é o que você acerta!









Se você pode ver os alvos, você pode acertá-los da terra ou do mar com o SHORTS JAVELIN.

Lançado do ombro ou disposto em um Lançador Múltiplo Leve com capacidade para 3 disparos, o JAVELIN é um dos mais avançados mísseis guiados, supersônicos e de curto alcance disponíveis.

O JAVELIN não depende de uma fonte de calor para sua orientação. Assim, aeronaves inimigas em incursão direta jamais representarão uma ameaça real. O JAVELIN não é desviado pela atuação de despistadores do tipo "Decoy Flares". Ele é preciso e letal. Destrói aeronaves e helicópteros de ataque ao solo em alta velocidade antes que o piloto consiga utilizar o seu armamento de forma eficaz.

Desenvolvido a partir do bem-sucedido Blowpipe, o JAVELIN está atualmente em operação no Exército Britânico, nos Fuzileiros Reais e em outras Forças Armadas estrangeiras. O JAVELIN é apenas um de uma sucessão de armamentos guiados para a defesa aérea, que deu à SHORTS a reputação internacional de líder no estado-da-arte da tecnologia e projeto de mísseis.

A reputação da SHORTS quanto ao cumprimento dos prazos de entrega é também muito boa. Nunca perdemos um alvo!

Mesbla AVIAÇÃO E EQUIPAMENTOS
Divisão de Equipamentos Militares
Tel.: (021) 532-1198
Fax.: (021) 220-6152



SHORTS

MESBLA AVIAÇÃO E EQUIPAMENTOS
Praça Floriano, 19 - 28º andar - Rio de Janeiro

SHORT BROTHERS PLC, PO Box 241, Belfast BT3 9DZ, UK.
Telephone 4423245844 Facsimile 44232733812

VERDE-OLIVA
Centro de Comunicação Social do Exército

Doce reforço

Brandir espadas ou manusear trabucos são figuras do passado. O mundo evoluiu e trouxe consigo a guerra moderna, tecnológica, onde a principal força é o conhecimento, disponível, indistintamente, para homens e mulheres.

A história da participação feminina nas duras lides militares é antiga: antes mesmo do advento dos movimentos feministas, que ganharam corpo no mundo inteiro, conclamando a participação da mulher em todas as profissões, foi destacada a contribuição do dito sexo frágil na I Grande Guerra, como profissionais de saúde e nas fábricas de material bélico.

Na II Guerra Mundial, além de se engajarem em atividades logísticas, marcaram presença, por exemplo, na chamada Resistência Francesa, quando literalmente pegaram em armas contra o invasor.

Nas décadas de 60 e 70, elas voltariam, de armas na mão, participando do permanente esforço de guerra israelense.

Na recente Guerra do Golfo, as militares dos exércitos da coalisão participaram ativamente dos combates, inclusive como piloto de helicópteros. Países como os EUA, Inglaterra, França e Israel empregam-nas, há muito, como mariner, pára-quedista e combatente.

O Exército Brasileiro está atento a esta evolução. Após criteriosos estudos abriu suas portas para receber a esperada contribuição da mulher, que passa, doravante, a emprestar sua competência em áreas selecionadas, colocando-se em pé de igualdade com os homens.

As tarefas castrenses agora não serão mais segredo para a mulher. O sonho de realizar carreira no Exército já é possível, porque, afinal, a Força reconheceu a grande força da mulher brasileira.

Sejam muito bem-vindas!

SUMÁRIO

AS SECULARES
Lanceiros do Ponche Verde 2

DATA
Legítima defesa da honra 4

ESCOLAS
Prestígio além-fronteiras 8

NOSSO EXÉRCITO
Salto livre 10

INSTRUÇÃO
Amigo de fé 12

ATUALIDADE
Elas chegaram 14

GUARDA PRESIDENCIAL
Em boas mãos 16

TECNOLOGIA A SERVIÇO DO COMBATE
Ponte "Ribbon Bridge" 18

HISTÓRIA
Paz em casa 22

DATA
Amizade cinqüentona 26



NOSSA CAPA
Foto: VLADI

22018-???

INFORME O SEU NOVO CEP E CONCORRA A UM VALIOSO BRINDE! VEJA COMO À PÁGINA 25.

VERDE-OLIVA
Publicação quadrimestral do Centro de Comunicação Social do Exército (CComSEx). Redação, Administração e Distribuição: CComSEx/QG Ex — Bloco B — Térreo — SMU — Brasília - DF — CEP: 70630-901 — Fones: (061) 223-6730, 223-2859 e 321-4747 ramal 2750.

Arte-final: Aluísio Nascimento - Tel.: 322-1948
Impressão: Gráfica Valci Editora Ltda - Tel.: 225-7223
Tiragem: 25.000 exemplares.
Circulação dirigida (no país e no exterior)
É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Legítima defesa da honra

HÁ EXATOS CINQÜENTA ANOS, O BRASIL DECLARAVA GUERRA À ALEMANHA E À ITÁLIA. OS ANTECEDENTES DESTA MEDIDA NÃO DEIXAM MARGEM A DÚVIDAS DE QUE ESTA ERA A ÚNICA MEDIDA A ADOTAR

22 de agosto de 1942. Data para não ser esquecida, jamais. Nem pelas gerações de brasileiros, nem pelos povos das demais nações do globo.

Naquele dia, uma nação pacífica foi levada a declarar guerra a potências que a agrediram, apesar de seus contundentes protestos diplomáticos. Naquele dia, o Brasil deixou claro que, se preciso fosse, recorreria às armas para defender seus legítimos direitos e sua soberania – e sempre o fará!

Para entender-se o que, há cinqüenta anos, motivou um povo amante da paz a clamar pela guerra, é preciso voltar um pouco mais no tempo. Aí, verificaremos que o Brasil foi compelido a intervir por ter sido covardemente agredido.

Logo após a irrupção da II Guerra Mundial na Europa, as nações americanas reuniram seus chanceleres no Panamá. Desejosos do não envolvimento naquele conflito – que se vislumbrava sangrento –, no dia três de outubro de 1939, no encerramento da 1ª Reunião de Consulta, aqueles ministros de Relações Exteriores declararam a sua posição de neutralidade.

Diante da imprevisibilidade do conflito, aparentemente tão distante, imaginava-se então que poderíamos ficar à margem deste acontecimento de âmbito mundial que se tornaria o mais grave dos últimos séculos. Tanto é que, no dia sete de setembro daquele ano, o presidente brasileiro afirmara que "enquanto nesta parte do mundo vivemos assim, em ambiente de seriedade e amistoso contato, além-atlântico a guerra convulsiona a vida de povos admiráveis..."

Manchetes que sacudiram o País.



Vai ser creada a Comissão Executiva de Defesa Passiva do Brasil

OUTRO NAVIO DO BRASIL AFUNDADO PELO EIXO!

O GLOBO

EDIÇÃO FINAL



DESAFIO E ULTRAJE AO BRASIL

O GLOBO



GUERRA

O GOVERNO DO BRASIL RECONHECE O EST
DE BELIGERANCIA COM A ALEMANHA E A IT

O GL

EDIÇÃO EXTRA

Essa utopia foi logo desnudada, no final de 1939, pelo episódio do Graaf Spee – um poderoso vaso de guerra alemão, que recebera a missão de atacar navios inimigos no Atlântico Sul. Encurralado por várias naus inglesas ao largo da costa uruguaia, após com elas travar combate, abrigou-se no porto de Montevidéu. Depois de permanecer três dias em reparos, foi obrigado a partir, pois era este o tempo máximo permitido pelas convenções internacionais, que tratavam da neutralidade de países.

A seis milhas da capital uruguaia, o navio germânico foi afundado pela própria tripulação, às vistas da poderosa força naval inglesa, que o aguardava para combate. O horror da guerra estava às portas da América. A neutralidade prenunciava-se impossível.

Como medida dissuasória, os países americanos, na 2ª Reunião de Consulta, realizada em Havana, declararam, em julho de 1940, que "todo atentado a qualquer dos países do continente seria considerado como agressão à América inteira". Esperavam, com isto, furtar-se ao envolvimento no conflito, o que era muito difícil no mundo conturbado daqueles dias.

PRIMEIRA VÍTIMA – O Brasil, sequioso de paz, foi algumas vezes agredido neste período de neutralidade: em 22 de março de 1941, o navio mercante Taubaté foi atacado no Mediterrâneo. O navio, perfeitamente identificado como brasileiro – portanto neutro –, foi metralhado várias vezes por um avião alemão. Neste incidente morreu um marinheiro, o conferente Fraga, que talvez tenha sido a primeira vítima brasileira da sanha assassina nazista.

O governo brasileiro enviou nota de protesto ao governo do Reich, que prometeu uma solução.

VERDE-OLIVA
Centro de Comunicação Social do Exército

Doce reforço

Brandir espadas ou manusear trabucos são figuras do passado. O mundo evoluiu e trouxe consigo a guerra moderna, tecnológica, onde a principal força é o conhecimento, disponível, indistintamente, para homens e mulheres.

A história da participação feminina nas duras lides militares é antiga: antes mesmo do advento dos movimentos feministas, que ganharam corpo no mundo inteiro, conclamando a participação da mulher em todas as profissões, foi destacada a contribuição do dito sexo frágil na I Grande Guerra, como profissionais de saúde e nas fábricas de material bélico.

Na II Guerra Mundial, além de se engajarem em atividades logísticas, marcaram presença, por exemplo, na chamada Resistência Francesa, quando literalmente pegaram em armas contra o invasor.

Nas décadas de 60 e 70, elas voltariam, de armas na mão, participando do permanente esforço de guerra israelense.

Na recente Guerra do Golfo, as militares dos exércitos da coalisão participaram ativamente dos combates, inclusive como piloto de helicópteros. Países como os EUA, Inglaterra, França e Israel empregam-nas, há muito, como mariner, pára-quedista e combatente.

O Exército Brasileiro está atento a esta evolução. Após criteriosos estudos abriu suas portas para receber a esperada contribuição da mulher, que passa, doravante, a emprestar sua competência em áreas selecionadas, colocando-se em pé de igualdade com os homens.

As tarefas castrenses agora não serão mais segredo para a mulher. O sonho de realizar carreira no Exército já é possível, porque, afinal, a Força reconheceu a grande força da mulher brasileira.

Sejam muito bem-vindas!

SUMÁRIO

AS SECULARES
Lanceiros do Ponche Verde 2

DATA
Legítima defesa da honra 4

ESCOLAS
Prestígio além-fronteiras 8

NOSSO EXÉRCITO
Salto livre 10

INSTRUÇÃO
Amigo de fé 12

ATUALIDADE
Elas chegaram 14

GUARDA PRESIDENCIAL
Em boas mãos 16

TECNOLOGIA A SERVIÇO DO COMBATE
Ponte "Ribbon Bridge" 18

HISTÓRIA
Paz em casa 22

DATA
Amizade cinqüentona 26



NOSSA CAPA
Foto: VLADI

22018-???

*INFORME O SEU NOVO **CEP** E CONCORRA A UM VALIOSO BRINDE! VEJA COMO À PÁGINA 25.*

VERDE-OLIVA
Publicação quadrimestral do Centro de Comunicação Social do Exército (CComSEx). Redação, Administração e Distribuição: CComSEx/QG Ex — Bloco B — Térreo — SMU — Brasília - DF — CEP: 70630-901 — Fones: (061) 223-6730, 223-2859 e 321-4747 ramal 2750.
Arte-final: Aluísio Nascimento - Tel.: 322-1948
Impressão: Gráfica Valci Editora Ltda - Tel.: 225-7223
Tiragem: 25.000 exemplares.
Circulação dirigida (no país e no exterior)
É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.

Legítima defesa da honra

HÁ EXATOS CINQÜENTA ANOS, O BRASIL DECLARAVA GUERRA À ALEMANHA E À ITÁLIA. OS ANTECEDENTES DESTA MEDIDA NÃO DEIXAM MARGEM A DÚVIDAS DE QUE ESTA ERA A ÚNICA MEDIDA A ADOTAR

22 de agosto de 1942. Data para não ser esquecida, jamais. Nem pelas gerações de brasileiros, nem pelos povos das demais nações do globo.

Naquele dia, uma nação pacífica foi levada a declarar guerra a potências que a agrediram, apesar de seus contundentes protestos diplomáticos. Naquele dia, o Brasil deixou claro que, se preciso fosse, recorreria às armas para defender seus legítimos direitos e sua soberania – e sempre o fará!

Para entender-se o que, há cinqüenta anos, motivou um povo amante da paz a clamar pela guerra, é preciso voltar um pouco mais no tempo. Aí, verificaremos que o Brasil foi compelido a intervir por ter sido covardemente agredido.

Logo após a irrupção da II Guerra Mundial na Europa, as nações americanas reuniram seus chanceleres no Panamá. Desejosos do não envolvimento naquele conflito – que se vislumbrava sangrento –, no dia três de outubro de 1939, no encerramento da 1ª Reunião de Consulta, aqueles ministros de Relações Exteriores declararam a sua posição de neutralidade.

Diante da imprevisibilidade do conflito, aparentamente tão distante, imaginava-se então que poderíamos ficar à margem deste acontecimento de âmbito mundial que se tornaria o mais grave dos últimos séculos. Tanto é que, no dia sete de setembro daquele ano, o presidente brasileiro afirmara que "enquanto nesta parte do mundo vivemos assim, em ambiente de seriedade e amistoso contato, além-atlântico a guerra convulsiona a vida de povos admiráveis..."

Essa utopia foi logo desnudada, no final de 1939, pelo episódio do Graaf Spee – um poderoso vaso de guerra alemão, que recebera a missão de atacar navios inimigos no Atlântico Sul. Encurralado por várias naus inglesas ao largo da costa uruguaia, após com elas travar combate, abrigou-se no porto de Montevidéu. Depois de permanecer três dias em reparos, foi obrigado a partir, pois era este o tempo máximo permitido pelas convenções internacionais, que tratavam da neutralidade de países.

A seis milhas da capital uruguaia, o navio germânico foi afundado pela própria tripulação, às vistas da poderosa força naval inglesa, que o aguardava para combate. O horror da guerra estava às portas da América. A neutralidade prenunciava-se impossível.

Como medida dissuasória, os países americanos, na 2ª Reunião de Consulta, realizada em Havana, declararam, em julho de 1940, que "todo atentado a qualquer dos países do continente seria considerado como agressão à América inteira". Esperavam, com isto, furtar-se ao envolvimento no conflito, o que era muito difícil no mundo conturbado daqueles dias.

Manchetes que sacudiram o País.

OUTRO NAVIO DO BRASIL AFUNDADO PELO EIXO!

O GLOBO

DESAFIO E ULTRAJE AO BRASIL!

GUERRA!

O GOVERNO DO BRASIL RECONHECE O ESTADO DE BELIGERANCIA COM A ALEMANHA E A ITALIA

PRIMEIRA VÍTIMA – O Brasil, sequioso de paz, foi algumas vezes agredido neste período de neutralidade: em 22 de março de 1941, o navio mercante Taubaté foi atacado no Mediterrâneo. O navio, perfeitamente identificado como brasileiro – portanto neutro –, foi metralhado várias vezes por um avião alemão. Neste incidente morreu um marinheiro, o conferente Fraga, que talvez tenha sido a primeira vítima brasileira da sanha assassina nazista.

O governo brasileiro enviou nota de protesto ao governo do Reich, que prometeu uma solução.

Além deste incidente, vários outros ocorreram, envolvendo embarcações brasileiras com outras dos países em guerra. Cada dia ficava mais difícil manter-se a neutralidade.

No final de 1941 – dia sete de dezembro – forças japonesas atacaram a frota americana fundeada em Pearl Harbour. A guerra, infelizmente, chegara à América. Um país americano fora vilmente atacado.

Em decorrência deste episódio, o Brasil, honrando os compromissos assumidos na 2ª Reunião de Consulta, anunciou, ao final da 3ª Reunião – ocorrida no Rio de Janeiro, no início de 1942 –, o rompimento de relações diplomáticas com as potências do Eixo: Alemanha, Itália e Japão.

Em conseqüência do estado de beligerância existente entre os Estados Unidos da América e aqueles países, bem como do rompimento de relações diplomáticas com nações americanas, o governo alemão mudou o esforço de sua campanha submarina para o Atlântico Sul.

O rompimento de relações com o eixo, acertada e legal atitude diplomática adotada pelo governo brasileiro, custou caro ao País: os nazistas desencadearam violenta e covarde represália, passando a atacar nossos indefesos navios.

Deve-se ressaltar que o Brasil, antes da ruptura das relações, fora ameaçado pelo embaixador alemão; ele alertara que o rompimento de relações "significaria, indubitavelmente, o estado de guerra latente, acarretando, provavelmente, ocorrências que equivaleriam à eclosão da guerra efetiva".

Em fevereiro de 1942, seis meses antes da entrada do Brasil na guerra, começou o torpedeamento de navios mercantes brasileiros em águas internacionais por submarinos nazi-fascistas. Menos de um mês após o rompimento de relações diplomáticas, desapareceu, misteriosamente, o primeiro navio mercante brasileiro – o Cabedelo – no Atlântico Norte.

Em 16 de fevereiro, o Buarque, também navio mercante, foi afundado após ter sido atingido, sem aviso prévio, por torpedos nazistas. Como em outros afundamentos semelhantes, o navio estava perfeitamente identificado como neutro, com a bandeira do Brasil pintada nos costados, e navegava com as luzes acesas.

AÇÃO TRAIÇOEIRA - A sanha nazista prosseguiu fazendo vítimas inocentes. Até meados de agosto foram covardemente afundados doze navios mercantes brasileiros, deixando um saldo de 81 mortos. Se considerado o Cabedelo, o número sobe para treze navios afundados, com 135 mortos. Em vários destes crimes, tripulantes brasileiros identificaram perfeitamente a nacionalidade alemã do atacante; houve até contatos pessoais com os agressores.

O governo brasileiro protestava, mas suas queixas não eram ouvidas pelo governo nazista. Ao contrário, em junho de 1942, o almirante alemão Reader recebeu ordens de Hitler para desencadear uma ofensiva submarina contra a navegação nas costas brasileiras. Para isto, destacou uma flotilha de cerca de dez submarinos que, partindo da França ocupada, era reabastecida por um submarino-tanque perto do Brasil. Após este reabastecimento, estavam eles em condições de prosseguir na sua ação traiçoeira, atacando embarcações não militares indefesas, iluminadas, perfeitamente identificadas e navegando a poucas milhas da costa de um país pacífico – mas não pusilânime ou sem honra.

Em apenas três dias, de 15 a 17 de agosto de 1942, cinco navios brasileiros foram afundados no mar raso das costas de Sergipe e Alagoas, a poucas milhas do litoral, acarretando a morte de 607 pessoas. O primeiro desta série de atentados foi ao Baependi, onde, entre outros, morreram o comandante, oito oficiais, oito sargentos e 125 cabos e soldados do 7º Grupo de Artilharia de Dorso, que seguia para o Recife, onde ficaria aquartelado.

No curto período de três dias, naqueles malfadados cinco navios, centenas de brasileiros foram assassinados, fria e covardemente, por um agressor solerte e vil. Não era mais suportável. A Nação brasileira já dera sobejas mostras de que tudo faria para evitar a guerra, por saber de sua crueldade, porém não podia mais fugir ao seu destino.

INDIGNAÇÃO POPULAR - O povo saiu às ruas e pediu uma resposta adequada ao ultraje sofrido. A onda de revolta espalhou-se pelo País. O clamor público exigia uma participação efetiva do Brasil no esforço de guerra dos aliados para responder à afronta recebida.

NAVIOS BRASILEIROS TORPEDEADOS ATÉ A DECLARAÇÃO DE GUERRA

Nº	NAVIOS Nome	Data do Ataque	Mortos ou Desaparecidos			Submarinos	Comandantes Alemães/Italianos
			Tripulantes	Passageiros	Total		
1	Cabedelo	14.02.42	54	–	54	–	–
2	Buarque	16.02.42	–	1	1	U-432	Heinz O. Schultze
3	Olinda	18.02.42	–	–	–	U-432	Heinz O. Schultze
4	Arabutã	07.03.42	1	–	1	U-155	Adolf C. Piening
5	Cairu	09.03.42	47	6	53	U-94	Otto Ites
6	Parnaíba	01.05.42	7	–	7	U-162	Jürgen Wattenberg
7	Comandante Lira	18.05.42	2	–	2	Barbarigo	Enzo Grossi
8	Gonçalves Dias	24.05.42	6	–	6	U-502	Jürgen V. Rosenstiel
9	Alegrete	07.06.42	–	–	–	U-156	Werner Hartenstein
10	Pedrinhas	26.06.42	–	–	–	U-203	Rolf Mützelburg
11	Tamandaré	26.07.42	4	–	4	U-66	Friedrich Markworth
12	Piave	28.07.42	1	–	1	U-155	Adolf C. Piening
13	Barbacena	28.07.42	6	–	6	U-155	Adolf C. Piening
14	Baependi	15.08.42	55	215	270	U-507	Harro Schacht
15	Araraquara	15.08.42	66	65	131	U-507	Harro Schacht
16	Aníbal Benévolo	16.08.42	67	83	150	U-507	Harro Schacht
17	Itagiba	17.08.42	10	26	36	U-507	Harro Schacht
18	Arará	17.08.42	20	–	20	U-507	Harro Schacht
19	Jacira	19.08.42	–	–	–	U-507	Harro Schacht
		TOTAL	346	396	742		

Fonte: "E foi assim que a cobra fumou", de Elza Cansanção

Aos repetidos ataques e ao atiçamento de uma nação pacífica à guerra, juntou-se uma onda de indignação popular, que finalmente levaram o governo brasileiro a declarar guerra à Alemanha e à Itália.

A decisão extrema, que colocou o Brasil no seu lugar, entre os países que têm honra, foi comunicada aos governos da Alemanha e da Itália no dia 22 de agosto de 1942: "Ante o inegável ato de guerra contra o país . . . criando uma situação de beligerância que somos forçados a reconhecer, na defesa da nossa dignidade, da nossa soberania e da nossa segurança e da América". Estava declarada a guerra aos países totalitários.



II Guerra Mundial: conquista de Montese.

Afeitos à paz, nossa participação no conflito foi precedida por medidas no campo diplomático que, no entanto, mostraram-se inócuas. Mais uma vez, somente a força seria ouvida. E o foi. Um almirante alemão – Döenitz – assim se referiu, comentando a entrada do Brasil na guerra: ". . .foi um erro ter impelido o Brasil a uma declaração de guerra oficial; politicamente, nós devíamos ter sido advertidos no sentido de evitar tal procedimento".

PRONTA RESPOSTA – Apesar de não ser uma potência militar, a entrada do Brasil na guerra significou grande apoio à causa dos aliados. Este apoio foi consubstanciado, não só pela autorização que fora concedida aos norte-americanos para que instalassem bases aeronavais em nossas costas, mas principalmente porque acarretou o emprego direto de nossas Forças. Assim, nossa Marinha de Guerra realizou o patrulhamento do litoral e a escolta de comboios marítimos, contribuindo decisivamente para a segurança da navegação no Atlântico Sul.

A Força Aérea realizou ações de patrulhamento do litoral e de proteção aérea à navegação. Além destas missões enviou, para o Teatro de Operações do Mediterrâneo, um Grupo de Aviação de Caça e uma Esquadrilha de Ligação e Observação, que cobriram de glórias o pavilhão nacional nos céus da Itália.

O Exército Brasileiro, além de garantir a inviolabilidade do território, guarnecendo o litoral e as fronteiras, teve como destaque o envio, para os campos da Itália, de uma Divisão de Infantaria Expedicionária – a nossa Força Expedicionária Brasileira.

A FEB representou o poder armado de uma Nação pacífica que, agredida, soube como responder à ofensa recebida. E, como o soube ! Camaiore, Monte Prano, Monte Castello, Castelnuovo, Montese, Fornovo e tantas outras VITÓRIAS maiúsculas que, por certo, levaram o governo alemão a arrepender-se amargamente de nos ter envolvido naquela conflagração. Pagamos um preço alto: a vida de centenas de jovens que se imolaram pela honra nacional. Todavia, mostramos ao mundo do que somos capazes!

Passados cinqüenta anos, é preciso que todos saibam as causas que nos compeliram a participar de tão sangrento envolvimento, que tantos sacrifícios nos impôs.

Também é preciso que adversários em potencial saibam que aqui encontrarão um povo pacífico e ordeiro, mas altivo e orgulhoso. O orgulho sadio dos que se dispõem a dar a vida pela soberania da Nação. E, como disse o general Zenóbio, "a Bandeira que desfraldamos não era de vingança, mas de liberdade". **E sempre será assim.**

EVITE QUE ISTO ACONTEÇA!

AO REMETENTE

Necessitamos conhecer o seu CEP COMPLETO (**o novo CEP**), que agora tem **mais três algarismos**.

22010 - ???

INFORME-NOS E AINDA CONCORRA A UM VALIOSO BRINDE (veja como à página 25).

Nossa terra mostra seu valor



A terra de diatomácea tem comprovado, no Brasil e em vários paises do mundo, sua grande eficácia. Em função da sua qualidade como elemento filtrante, seu uso vem sendo cada vez mais difundido. Originária de algas, essa terra se destaca dos meios filtrantes convencionais pela menor granulometria de suas partículas e maior espessura.

Graças à diatomácea e à tecnologia do diato-filtro ÚTIL, a água obtida é de maior qualidade, em todos os níveis (bacteriológico e físico), da que pela maioria dos sistemas utilizados. Sua performance é tão notável que o próprio exército brasileiro já adquiriu ao longo dos anos 300 unidades desse sistema, projetado especificamente sob sua encomenda e classificado como material bélico.

Para regiões de fronteiras, pequenas comunidades, indústrias, hospitais e sempre que não houver sistemas de abastecimento de água potável, fique com o diato-filtro ÚTIL. Você vai ver o valor da nossa terra.

útil
SANEAMENTO

ÚTIL EQUIPAMENTOS PARA SANEAMENTO LTDA.
Rua 17 de Fevereiro, 156, Bonsucesso
Rio de Janeiro-RJ, CEP 21040
Tel.: (021) 270-0490 - FAX: (021) 270-3106
Telex: 2136-605
Representantes em todo o Brasil



Estação de unidade móvel de um equipamento de purificação diato-filtro ÚTIL em uso por uma unidade das Forças Armadas



A abrangencia internacional dos cursos da ECEME.

ESCOLAS

Prestígio além-fronteiras

DESDE SUA CRIAÇÃO, A ECEME – O MAIS ALTO INSTITUTO DE ESTUDOS MILITARES DO EXÉRCITO BRASILEIRO – TEM FORMADO CENTENAS DE OFICIAIS DE NAÇÕES AMIGAS NOS SEUS CURSOS DE COMANDO E ESTADO-MAIOR

A Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), situada na Praia Vermelha, Rio de Janeiro e criada em 1905, vem-se projetando no cenário militar mundial, como estabelecimento de ensino modelar, na formação de oficiais de Estado-Maior.

Além de abrigar, em seus cursos regulares, oficiais do Exército Brasileiro e eventualmente de Forças coirmãs, a ECEME recebe ainda oficiais de nações amigas – os ONA –, cuja presença tem a finalidade de estabelecer e intensificar o intercâmbio doutrinário, cultural e de sistemática de ensino, entre a escola brasileira e as congêneres dos exércitos das nações amigas, visando facilitar os laços existentes e permitir o perfeito conhecimento das potencialidades dos referidos países.

ONA DIPLOMADOS ATÉ 1991 – Até o ano de 1991, a ECEME diplomou oficiais dos seguintes países:

ALEMANHA	09
ARGENTINA	16
BOLÍVIA	36
CHILE	08
COLÔMBIA	17
CORÉIA DO SUL	10
EL SALVADOR	05
EQUADOR	16
ESPANHA	04
EUA	50
FRANÇA	08
GUATEMALA	02
GUIANA	09
HONDURAS	19
INGLATERRA	01
ITÁLIA	16
MÉXICO	01
PARAGUAI	40
PERU	19
PORTUGAL	15
URUGUAI	15
VENEZUELA	85
TOTAL	401

ONA MATRICULADOS EM 1992 – Neste ano encontram-se matriculados na ECEME oficiais de doze nações amigas. Estarão realizando o curso normal, de dois anos, idêntico ao dos brasileiros, oficiais da Coréia do Sul, dos Estados Unidos, da Nigéria, do Paraguai e do Suriname, todos cursando o primeiro ano. No segundo ano há representantes da Argentina e da Coréia do Sul.

Há, ainda, um curso especial, com duração de apenas um ano, do qual participam o Chile, a Colômbia, os Estados Unidos, a França, a Inglaterra, o México e a Venezuela.

CURRÍCULOS – A distinção (cursos com duração de dois anos e com duração de um ano) é feita para atender aos interesses de cada país. Os oficiais que permanecem dois anos são matriculados nos cursos normais da Escola, só não participando de assuntos julgados restritos a oficiais brasileiros.

Para o ONA que cursa apenas um ano, foi implantado, a partir de 1992, um currículo especial em que o aluno acompanha os escalões Brigada e Divisão de Exército com o 1º ano regular, e o escalão Exército de Campanha e as instruções relativas à segurança interna com o 2º ano regular.

ADAPTAÇÃO – A fim de contornar as dificuldades normais de adaptação dos ONA, a ECEME planeja a atenção ao oficial estrangeiro, desde a sua chegada no aeroporto. Um "padrinho" é designado para dar o apoio necessário, que se estende até mesmo à área familiar, quando solicitado.

No plano de ajuda à adaptação, o Centro de Estudos de Pessoal (CEP), estabelecimento de ensino do Exército, localizado no Leme, bairro próximo à ECEME, oferece um estágio do idioma português, como primeira atividade escolar do ONA.

O grande número de países que enviam oficiais para freqüentarem os bancos escolares da ECEME é uma incontestável prova do elevado conceito que esse estabelecimento de ensino e o Exército Brasileiro desfrutam no seio da comunidade militar internacional.

ONA: participação ativa em trabalhos de grupo.



AQUI VOCÊ TEM A SEGURANÇA DO "PVC-FREE"

ALTA TECNOLOGIA EM EMBALAGENS METÁLICAS





Uesbobinadeira Littel (EUA)



Agora nossa concorrência pode entender porque investimos ma de US$ 20.000.000 (vinte milhões de dólares) em tecnologia de ponta.

Estamos lançando no Brasil rolhas metálicas com vedante "PVC-FREE uma matéria-prima que assegura total garantia a produtos lacrados com tampas MECESA.

A tecnologia de nossos novos equipamentos permite produções imediatas com "PVC-FREE", que coloca a indústria cervejeira nacion anos à frente das demais cervejarias da América Latina, com uma vedação 100% inodora.

Na FIEPAG/ALIMAQ no stand BASF/GLASSURIT (D-06/E-05) você pode conhecer as tampas MECESA, já com aplicação do vedante "PVC-FREE".



Linha Lithográfica Bicolor Mailander (Alemanha)



METALGRÁFICA CEARENSE S.A.

MECESA

UM GRUPO GENUINAMENTE BRASILEIRO

Fábrica: Rua Pompeu Cavalcante, 500 - Caixa Postal 1.521 - Teleg.: MECESA - Fone: (PABX) (085) 281-6644 - Telex: 0851631 - MECE-BR - 60320 - Fort. - CE
Escritório em São Paulo - SP: Rua Cerro Corá, 1.208 - cj.12 e 14 - CEP 05061 - Tel.: (011) 872-8309 - 62-3532 - 263-9581 - Fax: (011) 65-0789 - Telex: 1180396 - MECE - BR

Salto livre

O SALTO LIVRE OPERACIONAL É UM DOS MAIS VALIOSOS INSTRUMENTOS DAS FORÇAS ARMADAS NO COMBATE MODERNO.





As tendências da guerra moderna ressaltam a importância de técnicas especiais de infiltração, normalmente para pequenas frações altamente adestradas, a fim de atingir objetivos específicos ou de preceder e proporcionar condições para a penetração de outros elementos.

Dentre essas técnicas, utilizadas pelo Batalhão de Forças Especiais (1º BFEsp), sediado no Rio de Janeiro e subordinado à Brigada de Infantaria Pára-quedista, destacam-se:

– infiltrações subaquáticas com equipamento autônomo de circuito fechado, realizadas, a partir de embarcações de superfície ou de submarinos, pelos mergulhadores de combate;

– infiltrações helitransportadas, utilizando helicópteros modernos com sofisticados sistemas de navegação e tripulações dotadas de equipamento de visão noturna; e

– infiltrações mediante **salto livre operacional,** a baixa, média ou grande altitude, com execução de queda livre ou navegação de velame (tecido que dá sustentação ao pára-quedas) aberto.

PRECISÃO E SIGILO - O salto livre operacional (SLOp) é o salto de pára-quedas, no qual o militar abandona a aeronave e inicia queda livre controlada, com seu material e armamento, realizando a abertura do pára-quedas na altura prevista, iniciando a navegação do velame para atingir ponto pré-determinado ou aterrar próximo ao líder de sua fração.

Este tipo de infiltração caracteriza-se por poder colocar, rapidamente, em locais relativamente restritos, equipes e material com precisão e sigilo. Possui como desvantagens a necessidade de alto grau de adestramento do pára-quedista, a possibilidade de interceptação, pelo inimigo, da aeronave que realizará o lançamento, além de sujeição a condições meteorológicas.

O salto livre operacional, quanto à altitude de lançamento, classifica-se de baixa altitude, quando realizado até 7.000 pés; de média altitude, quando compreendido entre 7.000 e 12.000 pés; e de grande altitude, quando executado acima de 12.000 pés, onde é necessária a utilização de equipamentos de oxigênio e roupa com proteção térmica.

A abertura do pára-quedas pode ser realizada a baixa altitude, normalmente entre 3.000 e 4.000 pés, ou logo após a saída da aeronave, efetuando-se a seguir a navegação com o velame aberto, o que permite grandes deslocamentos horizontais sem que os pára-quedistas sejam plotados pelos radares inimigos.

Os modernos equipamentos para salto livre operacional possuem o pára-quedas principal e o reserva iguais, visando proporcionar os mesmos recursos em caso de emergência. Os velames utilizados para infiltração possuem excelente performance e dirigibilidade. É possível, num lançamento a 25.000 pés (8.000m), dependendo das condições de vento, realizar deslocamentos laterais superiores a 20 km com o pára-quedas aberto. Estes velames suportam, em média, 160 kg de peso, o que permite ao usuário conduzir até 60 kg, entre armamento, munição e material individual.



Saltador pronto para embarque.

Recursos para o salto a grande altitude



O salto livre operacional precede a infiltração.

No Exército Brasileiro, além do 1º Batalhão de Forças Especiais, a Companhia de Precursores Pára-quedistas da Brigada de Infantaria Pára-quedista também utiliza o salto livre operacional como um dos meios de infiltração de seus destacamentos e equipes, no cumprimento de suas missões.

No 1º BFEsp existe uma seção responsável pelo desenvolvimento da doutrina e pesquisa do salto livre operacional, bem como pelo adestramento dos saltadores livres, com ênfase sobre os recém-formados pelo Centro de Instrução Pára-quedista General Penha Brasil, proporcionando-lhes condições de integrar os destacamentos desta tropa especializada.

Possui 85 saltadores entre oficiais, sargentos, cabos e soldados, que integram Destacamentos Operacionais de Forças Especiais, Destacamentos de Ações de Comandos e elementos de apoio, frações em condições de infiltração em qualquer área operacional do continente. Em seu adestramento, o Batalhão é apoiado pelo Força Aérea Brasileira com aeronaves C-95 Bandeirante, C-115 Búfalo e C-130 Hércules, das suas unidades de transporte de tropa.

Recentemente, o 1º BFEsp e o Batalhão de Helicópteros do Exército Brasileiro desenvolveram a doutrina para o lançamento livre de aeronaves HA-1 Esquilo e HM-1 Pantera. Foi firmada a doutrina a respeito das configurações das aeronaves, procedimentos a bordo e para o lançamento, velocidade de lançamento e técnica de abandono das aeronaves pelos pára-quedistas.

Seguindo tendências observadas em exércitos de outras nações, os objetivos para o futuro prevêem:

– emprego de fardos livres com sistemas de aberturas automático (cápsula aneróide) para aumentar a quantidade de suprimento de acompanhamento dos destacamentos operacionais; e

– utilização de equipamentos "Tandem" para o salto duplo, onde saltadores experientes levarão como passageiros elementos especialistas não pára-quedistas, tais como médicos, engenheiros, topógrafos e outros profissionais necessários ao cumprimento de uma missão.

FLEXIBILIDADE – As grandes extensões de nosso território e a variedade de ambientes operacionais, aliadas às características de pronto emprego do 1º BFEsp, indicam que a infiltração, mediante salto livre operacional, é sempre uma opção viável quando do estudo da situação e do planejamento das missões desta Unidade.

Assim, o pantanal mato-grossense e os rios da região amazônica são excelentes zonas de lançamentos aquáticas nestas áreas de difícil acesso. Uma aeronave C-130, partindo do Rio de Janeiro, tem condições de lançar pára-quedistas, em vôo sem escalas, em pistas abandonadas na Calha Norte, na caatinga nordestina, no cerrado do Planalto Central ou nos pampas gaúchos.

As aerovias superiores, utilizadas pela aviação comercial, que cortam todas as áreas operacionais do continente, são excelentes corredores de infiltração de aeronaves para um lançamento a grande altitude, principalmente devido à precariedade dos sistemas de defesa aeroespacial nas diversas regiões. Todas estas áreas e situações são objetivos de adestramento constante do 1º BFEsp e este esforço revela-se necessário, já que diversas vezes tem sido empregado em tais condições, e a forma de infiltração escolhida quase sempre foi o salto livre operacional, alcançando resultados altamente satisfatórios.

A infiltração, qualquer que seja o processo, é somente uma etapa para o cumprimento da missão. Contudo, a sua correta execução vai determinar a maneira como o objetivo final será atingido. Daí, a importância de existirem grupos de homens bem treinados nas diversas formas de infiltração. Entretanto, a atividade fim tem que ser perfeitamente dominada por todos, para o êxito total daquilo que é o lema das Forças Especiais Brasileiras: QUALQUER MISSÃO – EM QUALQUER LUGAR – A QUALQUER HORA – DE QUALQUER MANEIRA.



Salto livre operacional para missão subaquática.

Nova e inopinada missão tem início.



Amigo de fé

EMPREGADOS NA LOCALIZAÇÃO DE PESSOAS E OBJETOS, EM PATRULHAMENTO E GUARDA E COMO MENSAGEIROS, OS CÃES DE GUERRA DÃO INDISPENSÁVEL APOIO A ATIVIDADES MILITARES.

Desde a Grécia Antiga, os cães vêm tendo larga utilidade em operações militares, especialmente em tarefas que ele pode realizar melhor que o homem, como entrar em lugares de difícil acesso, cheirar e ouvir coisas que estão além do limite humano, correr mais rapidamente, atacar de maneira mais eficiente sem o auxílio de armas e até mesmo para impor respeito ao adversário.

Durante a 2ª Guerra Mundial, o adestramento de cães de guerra foi muito evidenciado, chegando a especialização e o desenvolvimento dessa atividade ao seu apogeu. Comprovou-se, então, que o cão pode valer por dois e até três homens, quando empregado no trabalho de patrulha.

O Exército Brasileiro, procurando manter-se sempre atualizado com todos os meios disponíveis para o combate moderno, mantém, em suas principais Unidades operacionais, canis e equipes preparadas para o treinamento do emprego do "melhor amigo do homem".



No 1º BPE, a seção de cães de guerra (Canil Tenente Valadares) é constituída por 12 cabos/soldados adestradores...



... que instruem o cão a ficar atento a qualquer iniciativa de um elemento suspeito, a fim de atacá-lo à menor reação esboçada.



O Canil Batalhão Brasília, do BPEB, e os seus adestradores, em apresentação na EXPOEX.



Cadela pastor alemão do BPEB: campeã da raça.



Este é o CEP COMPLETO (o novo CEP) da redação da Revista Verde-Oliva. E o seu, qual é? Informe-nos, a fim de garantir o recebimento de sua revista e ainda ganhe um BRINDE. (Detalhes à página 25)

















HERING WORLD T-SHIRT.

ATUALIDADE

Elas chegaram

O EXÉRCITO ABRE SUAS PORTAS À MULHER BRASILEIRA, QUE INGRESSA, A PARTIR DESTE ANO, NO QUADRO COMPLEMENTAR DE OFICIAIS.



Turma pioneira: agora a vocação militar feminina é uma realidade no Exército Brasileiro.

Demorou, mas chegou a vez de jovens e senhoras (até 35 anos) despertarem a sua vocação para a carreira das armas.

A Escola de Administração do Exército (EsAEx), localizada em Salvador, BA, recebeu, no primeiro semestre deste ano, a turma pioneira do segmento feminino da Força Terrestre.

Criada em 1988, a EsAEx tem o encargo de, entre outras tarefas, formar o Quadro Complementar de Oficiais (QCO), que se destina a suprir, com pessoal de nível superior, as necessidades das Organizações Militares, em cargos de natureza complementar e será constituído dos postos de 1º tenente, capitão, major e tenente-coronel.

Civis – de ambos os sexos – e militares da ativa e da reserva não remunerada das Forças Armadas têm agora mais uma opção de ingresso no Exército, como oficial, observadas as condições exigidas (vide box).

SEGMENTO FEMININO - A EsAEx já formou duas turmas do QCO, nos anos de 1990 e 1991, com 100 e 85 oficiais, respectivamente, todos do sexo masculino.

Neste ano, após estudos que há muito vinham sendo realizados, visando abrir suas portas à mulher brasileira, a EsAEx recebe as primeiras representantes do segmento feminino no Curso de Formação de Oficiais do Quadro Complementar, inscritas e aprovadas no concurso realizado em 1991.

Ofereceram-se 135 vagas para ambos os sexos - **em igualdade de condições**. A procura feminina foi expressiva: dos 4.971 inscritos, 2.853 eram mulheres, o que representa 57,39% do universo de candidatos. Desse total foram aproveitados 124, dentre eles **51 mulheres**, com predominância na área do Magistério, principalmente na cadeira de Inglês, com 12 matriculadas, e em Enfermagem, com 11.

Para o Curso de Formação de Oficiais do próximo ano foram fixadas as seguintes vagas:

EsAEx: localização privilegiada no bairro da Pituba, a "Ipanema Baiana", em Salvador.



ÁREAS	VAGAS
Administração	40
Economia	02
Ciências Contábeis	03
Estatística	08
Informática	17
Direito	06
Veterinária	06
Enfermagem	12
Magistério	
Espanhol	01
Inglês	06
Química	05
Física	04
Matemática	05
Português	20
TOTAL	135

Alojamento do CFO/QC (em construção): única distinção entre alunas e alunos.



No Curso, o matriculado, mulher ou homem, é considerado 1º tenente da Reserva de 2ª Classe e usará – como aluno – uniformes, insígnias e distintivos regulamentares, além de receber vencimentos deste posto. Todos os concludentes terão promoção assegurada até capitão, podendo atingir o posto de tenente-coronel, por meio de outros cursos realizados ao longo da carreira.



Curso Básico de Formação Militar: o manejo das armas e...



... a administração militar.

CONDIÇÕES PARA A INSCRIÇÃO NO CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS DO QUADRO CUMPLEMENTAR

a) Ser brasileiro nato;
b) Possuir diploma de nível superior na área objeto do concurso (especialidade para a qual pretende prestar o concurso), devidamente reconhecido pelo MEC;
c) Se candidatos à área de Magistério, apresentar cópia do diploma de **licenciatura** plena da sua área e da carteira de registro de professor do MEC.
d) Possuir menos de 36 (trinta e seis) anos de idade, referidos à data de 1º de março do ano da matrícula (Observação: sujeito a mudança).
e) Se reservista, ter sido excluído da última OM onde serviu, no mínimo, no comportamento "BOM".
f) Ser possuidor de bons antecedentes e predicados morais que o recomendem ao oficialato do Exército.
g) Não estar "sub-judice".
h) Ter, no mínimo, 1,60 m de estatura, se do sexo masculino, e 1,55 m, se do sexo feminino.

***Observações:** Os interessados em obter maiores informações sobre o CFO/QC deverão dirigir-se à Organização Militar do Exército mais próxima. Nela encontrarão um encarte veiculado com o Noticiário do Exército nº 8.458, de 3 de julho de 1992, que, por ter apresentado incorreção no tocante a vagas, foi corrigido na "errata" publicada na 1ª página do N E nº 8.465, de 16 de julho de 1992.*





Uniforme histórico: marca inconfundível do Batalhão.

Desde 1960 em Brasília, o BGP é herdeiro legítimo das tradições de Caxias, o Patrono do Exército.

GUARDA PRESIDENCIAL

Em boas mãos

O BATALHÃO DA GUARDA PRESIDENCIAL, MARCANTE PELO ZELO COM A SEGURANÇA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, DE AUTORIDADES E INSTALAÇÕES DO GOVERNO, FIGURA, COM DESTAQUE, ENTRE AS UNIDADES DO EXÉRCITO, PELO PROFISSIONALISMO E DEDICAÇÃO À NOBRE MISSÃO QUE LHE FOI CONFIADA

ORIGEM – *Em 18 de janeiro de 1823, D. Pedro I, por decreto, declarava o seguinte: "Querendo dar à Província da Bahia mais uma prova do quanto tenho em consideração proporcionar meios de a tornar livre da opressão, com que as tropas lusitanas pretendem dar-lhe a lei pela força, e abafar seus patrióticos sentimentos, declarados francamente pela sagrada causa do Brasil; e julgando portanto que muito convirá enviar-lhe um reforço de tropas escolhidas, comandadas por oficiais, cujos préstimos e boas qualidades sejam do meu imediato conhecimento, hei por bem criar, para aquele fim e para continuar a fazer parte do Exército deste Império um Batalhão de Caçadores, que será denominado – "BATALHÃO DO IMPERADOR".*

E assim teve início a saga do atual BATALHÃO DA GUARDA PRESIDENCIAL.

Naquele mesmo ano, o Batalhão embarcou na Corte com destino à Bahia, onde, na Guerra da Independência, participou dos combates do Engenho Conceição e Campina. Em 2 de julho, o Exército Pacificador entrou em Salvador, tendo como vanguarda o Batalhão do Imperador.

Em 1825, seguiu para Montevidéu, a fim de participar da Guerra da Cisplatina, com a missão de atuar na região de Montevidéu e da Colônia do Sacramento. Naquela Província participou de diversos combates, mais uma vez cobrindo-se de glórias e mantendo bem altas as tradições que o acompanhavam desde sua criação.

Já nas suas origens teve essa Unidade relevante papel no cenário nacional; nela, na Bahia, recebeu seu batismo de fogo o então Tenente Luiz Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, que foi também seu primeiro porta-bandeira. Nessa mesma Organização Militar, o nosso Patrono exerceu as funções de ajudante, comandante de companhia e subcomandante, a todas enobrecendo com sua atuação.

Apesar de haver-se coberto de glórias nos campos de batalha e de já ocupar lugar de relevo entre as Unidades da Infantaria brasileira, foi extinto em 4 de maio de 1832.

Somente um século após, em 7 de abril de 1933, foi criado seu sucessor – o Batalhão de Guardas –, com sede na cidade do Rio de Janeiro e com a missão específica de guarda do Palácio do Governo.

No próprio decreto de criação do Batalhão de Guardas, em atenção às tradições históricas do Batalhão do Imperador, das quais era legítimo herdeiro, ficou disposto que "em formaturas gerais, como nas guardas em dias festivos, usará um uniforme especial que recorde as tradições da Infantaria Brasileira dos tempos da Independência e das primeiras revoluções republicanas". Estes uniformes são usados para:

BGP: honras a chefes militares de nações amigas.



– prestar honras ao Presidente da República, quando em festas ou solenidades oficiais;

– o serviço de guarda do Presidente da República, em dia de festa nacional ou de entrega de credenciais; e

– prestar honras aos representantes diplomáticos na entrega de credenciais e para outras solenidades, quando determinado por autoridade competente.

Em 20 de julho de 1933, já organizado e com aquartelamento definido, instalou-se o Batalhão de Guardas, iniciando uma nova fase de dedicados serviços ao Brasil.

Destacou-se, então, nos acontecimentos que tiveram lugar na Praia Vermelha, por ocasião da Intentona Comunista de 1935, onde combateu, com denodo, contribuindo decisivamente para subjugar a subversão. Pouco após, em 1938, quando do ataque dos integralistas ao Palácio Guanabara, sede do governo federal no Rio, foi a primeira tropa a acorrer em defesa da autoridade constituída, conseguindo debelar aquele movimento insurrecional.

Em 6 de abril de 1960, quando já próximo o dia em que seria inaugurada a nova capital do Brasil, teve o Batalhão de Guardas mudada sua denominação para BATALHÃO DA GUARDA PRESIDENCIAL (BGP) e transferida a sua sede para Brasília, conservando, destarte, sua honrosa missão de prover a segurança dos palácios presidenciais.

Em 1964, com atuação firme e serena, deu a tranqüilidade necessária à manutenção da ordem em Brasília, durante da Revolução Democrática de 31 de Março.

HONRANDO A INFANTARIA – Unidade de gloriosas tradições, tem visto passar por suas fileiras incontável número de cidadãos que, em sua caserna, aprenderam a cultivar nobres sentimentos, sobretudo o de amor à Pátria.

Em todas as apresentações públicas de que toma parte, tem demonstrado elevado grau de disciplina e adestramento, indício de sua eficiência.

A história desta valorosa Unidade constitui um penhor seguro de que, em qualquer situação, cumprirá sua honrosa missão de guardar os palácios presidenciais e as altas autoridades da República.

No perpassar dos anos e dos governos, esta novel Organização Militar vai-se consolidando como motivo de orgulho para a Infantaria e para o Exército Brasileiro.



Tropa de elite da Infantaria, o Batalhão adestra-se diuturnamente para bem cumprir suas missões.

Ponte "Ribbon Bridge"

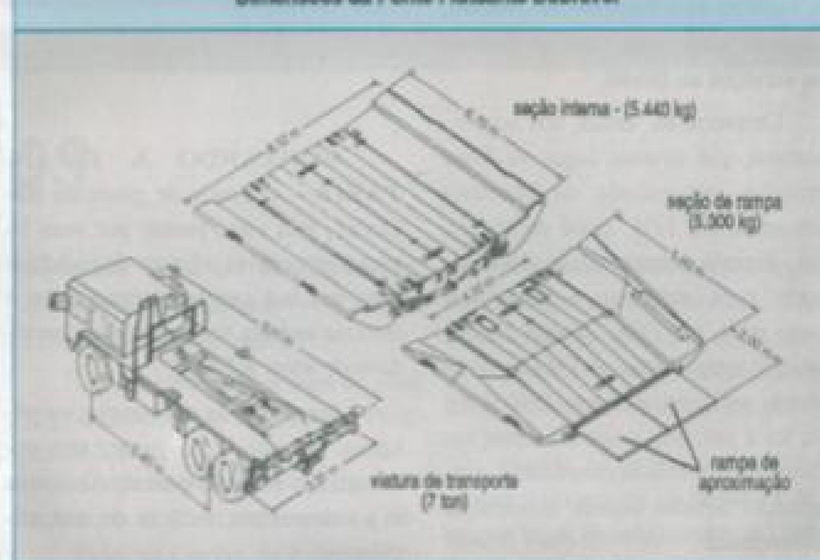


Produzido por uma empresa alemã, o sistema de ponte flutuante dobrável é empregado por forças de defesa de todo o mundo.

APRESENTANDO AVANÇADAS CONCEPÇÕES DE PROJETO E NOVOS ENCARGOS PARA AS UNIDADES DE ENGENHARIA, A PONTE FLUTUANTE DOBRÁVEL "RIBBON BRIDGE" REESCALONOU PRAZOS E PRIORIDADES E QUESTIONOU OS FUNDAMENTOS DOUTRINÁRIOS DO EMPREGO DE MATERIAL NA TRANSPOSIÇÃO DE CURSOS D'ÁGUA.

A família de pontes do tipo fita, considerada um marco revolucionário no projeto de pontes flutuantes, teve origem na ponte Plitniy Mostoroj Park (PMP), de fabricação soviética.

Foi empregada com sucesso, pela primeira vez, pelas forças egípcias na travessia do Canal de Suez, em 1973. A genialidade do projeto foi reconhecida internacionalmente e serviu de base para a elaboração da ponte "Ribbon Bridge", norte-americana, e para outros exércitos, que também desenvolveram sistemas semelhantes.



A ponte flutuante dobrável é um sistema altamente moderno para superar rios obstáculos, com rapidez e simplicidade.

Pode ser lançada num prazo dez vezes menor e com apenas um quinto do pessoal necessário para outras pontes em uso.

Trata-se de um modelo alemão, que é versão ligeiramente modificada da "Ribbon Bridge" americana.

MONTAGEM SIMPLES – A equipagem é utilizada para a construção de portadas e pontes flutuan-

Seção interna deslizando do caminhão para dentro d'água.



Início da abertura de uma seção interna. Ao fundo, a embarcação de manobra aguarda o completamento da abertura.







Embarcação de manobra conduzindo uma seção de ponte para o local de montagem.

tes e consiste em seções internas e de rampa, cada uma dobrada em forma de "W", que são transportadas em viaturas de sete toneladas para qualquer terreno. Ao serem lançadas do veículo para a água, desdobram-se automaticamente e flutuam.

Nessa oportunidade, embarcações de manobra conduzem as seções para os locais de montagem de pontes ou portadas e, atuando à jusante, servem ainda para firmar as pontes, evitando o curvamento causado pela correnteza.

As pontes e portadas são montadas com duas seções de rampa e o número necessário de seções internas. A chapa de rolamento tem 4,1m de largura e duas passagens para pedestres com 1,2m cada.

A ponte, em condições normais, suporta até sessenta toneladas, podendo chegar a setenta em condições críticas.

As portadas podem ser lançadas com três a cinco seções, suportando cargas de vinte até setenta toneladas.

CARACTERÍSTICAS

CARACTERÍSTICAS	PORTADAS			PONTE
	3 SEÇÕES	4 SEÇÕES	5 SEÇÕES	(100m)
CAPACIDADE MÁXIMA (1): – NORMAL – EXCEPCIONAL	 20 24	 40 50	 60 70	 60 70
RENDIMENTO	VARIÁVEL COM A LARGURA DO RIO			200 VTR/h
TEMPO DE CONSTRUÇÃO(min)	20	25	30	60
EFETIVO NECESSÁRIO (INCLUINDO OFICIAIS)	22	25	28	72
CONFIGURAÇÃO: – SEÇÕES INTERNAS – SEÇÕES DE RAMPA – EMBARCAÇÕES DE MANOBRA – REBOQUES – VIATURAS (7 t)	 1 2 2 2 3	 2 2 2 2 4	 3 2 2 2 5	 13 2 7 7 15



Seções internas são acopladas pela tropa de Engenharia

As primeiras viaturas iniciam a travessia, enquanto as embarcações de manobra mantêm o alinhamento da "Ribbon Bridge", operando contra a correnteza.



EMPREGO - A equipagem de pontes-fita destina-se a substituir outras mais antigas e ainda em uso pelo Exército Brasileiro, que não preenchem os requisitos de mobilidade exigidos pela guerra moderna.

Por isto, deverão dotar as Companhias de Engenharia de Combate, orgânicas das Brigadas de Infantaria e de Cavalaria Blindadas, que dela se beneficiarão ao executarem **transposições imediatas** com a mínima perda de impulsão.

Também as Unidades de Engenharia Divisionária deverão receber algumas equipagens, visando à simplicidade e à economia de meios no apoio às **transposições preparadas**, obtendo-se, assim, a rapidez necessária à mobilidade das forças amigas.

Ainda a fim de atender a uma das principais características da Engenharia **–o apoio em profundidade–**, torna-se conveniente dotar as Unidades de Engenharia do Exército com equipagens "Ribbon Bridge".

Utilizando-se tais materiais em operações, e uma vez conquistadas as elevações da segunda margem que permitam a segurança do fluxo do apoio logístico, serão necessárias não mais que duas horas para que o mesmo se desenvolva em sua plenitude.

MODERNIZAÇÃO - Desde o final de 1982, a Diretoria de Material de Engenharia, por meio do Departamento de Material Bélico, iniciou gestões, visando dotar a Força Terrestre de pontes "Ribbon Bridge".



Detalhes de uma seção de rampa.



Recolhimento de uma seção interna, por meio do guincho da viatura de 7t.

Chegou, inclusive, a propor a aquisição dos componentes necessários ao desenvolvimento de um projeto nacional, a partir de uma versão estrangeira, que, em decorrência da escassez de recursos e da falta de interesse de empresas por uma encomenda pouco expressiva, ficou inviabilizado.

Entretanto, no decorrer deste segundo semestre, o Exército Brasileiro estará recebendo sua primeira portada, tipo fita, modelo alemão, constituída por quatro seções. Tal equipagem, que será testada nas nossas condições de terreno e cursos de água, poderá definir a conveniência de emprego do equipamento pela nossa Força e também servir de base para o desenvolvimento de um projeto de nacionalização.

Esta aquisição representa, sem dúvida, o limiar de uma nova fase para a modernização da Arma de Engenharia.



Portada "Ribbon": modelo recentemente adquirido pelo Exército Brasileiro, constituído por quatro seções (duas internas e duas de rampas) com capacidade para veículos até 50t.

SISTEMA DE PONTE FLUTUANTE DOBRÁVEL

Desenvolvido e fabricado pela firma alemã Eisenwerke Kaiserslautern GmbH, este sistema de ponte - confiável e com excelente relação custo/benefício - encontra-se em serviço em forças de defesa de cinco continentes.

Representante exclusivo para o Brasil:

EUROBRASIL PARTICIPAÇÕES E REPRESENTAÇÕES LTDA

Rua Geraldo Flausino Gomes, 42, - 1º And.

São Paulo -SP - Tel.: (011) 542-7377



Paz em casa

NO SESQUICENTENÁRIO DA PACIFICAÇÃO DE SÃO PAULO E DE MINAS GERAIS POR CAXIAS, EXALTA-SE A FIGURA ÍMPAR DESTE VALOROSO BRASILEIRO, QUE SOUBE DIGNIFICAR O NOSSO EXÉRCITO E PROJETAR-SE, ALÉM-FRONTEIRAS, COMO EXEMPLO DE CHEFE NA CONDUÇÃO DE CAMPANHAS MILITARES ENTRE PATRÍCIOS DIVERGENTES.

Com a abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831, o Brasil viveu fase anárquica e turbulenta, marcada por motins, revoltas e revoluções, que só tiveram fim quatorze anos mais tarde, com a pacificação da Revolução Farroupilha, por Caxias, em Ponche Verde. Isto significou a pacificação da família brasileira e a preservação da Unidade Nacional, seriamente ameaçada desde 1831. Nem a maioridade de Pedro II, em 1840, conseguira reunificar a família brasileira, agitada por um sonho de federação e república, estimulado pelo Ato Adicional de 21 de agosto de 1834, que deu maior autonomia às províncias e fez do Brasil uma monarquia federativa.

O Exército foi muito perseguido e prejudicado depois da abdicação de D. Pedro I. Foi sutilmente afastado das cidades para "a defesa das fronteiras e do litoral" e passou a sofrer a concorrência da Guarda Nacional e das Polícias Militares, então criadas. Na realidade, foi alvo do maior esforço de erradicação de toda a sua história. Constata-se isso ao ler-se o insuspeito "Em Busca da Identidade – O Exército e a Sociedade Brasileira", de Edmundo Campos.

Naquela época, as fortalezas e unidades de fronteira tiveram significativa redução de efetivos. Oficiais estrangeiros, que haviam lutado no nosso Exército pela independência, integridade e soberania do Brasil, de 1822 a 1831, foram dispensados do serviço, inclusive o mais tarde Marechal Mallet, hoje patrono da Artilharia.

Estas perseguições e injustiças geraram revoltas, motins e quarteladas por todo o País. No Rio, para contê-las, recorreu-se ao Batalhão Sagrado, só de oficiais, e do qual o futuro Duque de Caxias foi o subcomandante.


Caxias, herói nacional de trajetória invicta, imaculada e gloriosa.

A Farroupilha foi também uma revolta da maior guarnição do Exército, depois da do Rio, em aliança com a Guarda Nacional e forças econômicas (fazendeiros e charqueadores), como protesto pelas discriminações feitas ao Exército e aos seus membros e sobre as quais a História se tem silenciado. Os líderes militares desta Revolução saíram de comandos de unidades do Exército: Bento Gonçalves, Bento Manuel, José Mariano de Matos, João Manoel de Lima e Silva (tio de Caxias), e outros.

De 1831 a 1842 haviam ocorrido as seguintes revoluções: Cabanagem (PA, PE e AL), Farroupilha (RS e SC), Sabinada (BA), Balaiada (MA) e as de São Paulo e Minas. As três últimas e a Farroupilha foram pacificadas por Caxias, o que lhe valeu o honroso e singular título com que foi consagrado pela História – O Pacificador.

Em 1842, disputas acirradas entre conservadores e liberais, em Minas (Ouro Preto, Barbacena e São João del Rei), bem como em São Paulo (Sorocaba, Itu, Porto Feliz, Faxina, Capivari e Curitiba), atingiram o máximo efervescer.

Os liberais visualizaram a derrubada do Gabinete de Ministros, conservador, sob o argumento de verem nele indícios de autoritarismo, em virtude de leis que criaram o Conselho de Estado, reformaram o Código Penal e as chefias de polícia nas províncias, e do ato que dissolveu a Assembléia Geral. Então, os liberais paulistas e mineiros concitaram o povo a pegar em armas.

A trama revolucionária teve curso no Brasil, por meio da sociedade secreta denominada Clube dos Patriarcas Invisíveis.

Em São Paulo, o pretexto foi a substituição do Presidente da Província, Rafael Tobias de Aguiar, a manutenção do comandante-das-armas e o adiamento da abertura das câmaras legislativas. Destarte, São Paulo e Minas foram à revolução!

A PACIFICAÇÃO DE SÃO PAULO – Em 17 de maio de 1842 estourou a revolução em Sorocaba, cuja câmara proclamou Tobias de Aguiar e o ex-regente Padre Feijó, presidente e vice interinos de São Paulo. Declararam lealdade a D. Pedro II e absolutista e oligárquico o Gabinete de Ministros.

O objetivo militar era um ataque à capital, São Paulo, para depor o presidente, que substituíra Tobias de Aguiar. E teve início a mobilização militar liberal.

A Corte andou rápido, concedendo ao Barão de Caxias, que acabara de pacificar o Maranhão, carta branca para pacificar São Paulo. Caxias, com 400 homens, desembarcou em

MISSÃO CUMPRIDA

Como pai, marido ou companheiro, cada um desses militares cumpriu sua missão mais importante: defender o futuro da família.

A Capemi também cumpriu a sua parte. Pagou os valores contratados rapidamente, no momento em que as esposas e filhos mais necessitavam.

Porque pagamento de benefício é nossa prioridade número um. Está na nossa ordem do dia, do mês, do ano. Sempre.

SÃO PAULO/43,7 MILHÕES/ 39,1 MILHÕES

José E.P., Sargento da Reserva, 2º Batalhão de Caçadores, São Vicente - 9 anos de Capemi. Ao falecer em 11/91, deixou Cr$ 43 milhões, 742 mil para a esposa Noemi P.

Pedro R.R., Subtenente R1, 2º RCC, Pirassununga. 14 anos de Capemi. Decidiu pelas vantagens do Plano Melhor. Deixou Cr$ 39 milhões, 184 mil para a esposa Sonia M.I.R., ao falecer em 12/91.

AMAZONAS/30,4 MILHÕES

Juracê N.N., 2º Sargento, Manaus. 21 anos de Capemi. Fez o Plano Melhor. Valorizou o benefício. Ao falecer em 02/92, deixou Cr$ 30 milhões, 429 mil para a esposa Marilza M.N.,

PARANÁ/35,1 MILHÕES

Antônio B., 2º Tenente da Reserva. Curitiba. 25 anos de Capemi. Mudou para o Plano Melhor. Recuperou o benefício. Ao falecer em 11/91, deixou Cr$ 35 milhões, 188 mil para a esposa Ana B.S.B.

ESPÍRITO SANTO/30 MILHÕES

Waldemar S.M., Capitão da Reserva, 38º BI, Vila Velha. Quase 25 anos de Capemi. Valorizou o benefício, fazendo o Plano Melhor. Ao falecer em 01/92, deixou Cr$ 30 milhões para a esposa Alcide F.M.

R. G. SUL/22,7 MILHÕES

Osvaldo L.C., Cabo, 7º Regimento de Cavalaria Mecanizado, Santana do Livramento. 15 anos de Capemi. Fez Plano Melhor. Deixou Cr$ 22 milhões, 758 mil para a esposa Alba F.C.C., ao falecer em 12/91.

RIO DE JANEIRO/22,6 MILHÕES

Guilherme L.R., Capitão QAO, Seção de Inativos e Pensionistas - 1ª RM, Rio. 26 anos de Capemi. Mudou para o Plano Melhor. Recuperou o benefício. Deixou Cr$ 22 milhões, 634 mil para a esposa Neusa M.N.R, ao falecer em 03/92.

- *Nos 4 primeiros meses de 1992, a Capemi Pecúlio pagou em benefícios a quantia de Cr$ 7 bilhões, 479 milhões, 754 mil cruzeiros em todo o Brasil. Valores corrigidos para maio/92.*
- *Por motivos de segurança, evitamos citar os sobrenomes de ex-participantes e seus beneficiários.*



QUEM AMA, PROTEGE!

SEDE: RUA SÃO CLEMENTE, 38 • BOTAFOGO • RIO DE JANEIRO. E MAIS 38 AGÊNCIAS EM TODO O BRASIL.

Santos. Cerrou logo para a capital, alvo da revolução, onde chegou em 22 de maio. Ali ocupou Mogi das Cruzes, organizou a defesa da capital e bloqueou a ponte de Pinheiros, acesso àquela cidade.

Nas regiões de Itararé, Lorena, Guaratinguetá e Resende, isolou os revolucionários de possíveis apoios oriundos do Rio Grande, de Minas e do Rio de Janeiro. A estas foram incorporadas, de 18 de junho a 29 de agosto, as localidades paulistas de Guaratinguetá, Lorena, Cunha, Queluz, Silveiras, Areas e Bananal.

Os revolucionários perderam tempo e não atacaram São Paulo, deixando para Caxias a iniciativa, que, em dois ataques sucessivos, obrigou-os a se retirar para longe e, após, perseguiu-os na direção de Campinas. Em 7 de junho deu-se o combate de Venda Grande, no qual os revolucionários, mesmo em superioridade numérica, foram surpreendidos e batidos. Isto abriu caminho para Caxias investir contra Sorocaba, onde entrou vitorioso, em 20 de junho, não tendo encontrado Tobias de Aguiar, que buscou a proteção dos farroupilhas. Encontrou no comando da resistência o Padre Feijó, que tentou, sem êxito, negociar em condições privilegiadas. Foi preso com todo o respeito e afastado de São Paulo para o Espírito Santo.

No Vale do Paraíba, a revolução envolveu Lorena, Silveiras, Areas e Bananal, com núcleo até Piraí, no Rio de Janeiro. Só foi contida no sangrento e demorado combate de Silveiras, em 12 de julho, naquele local onde antes, no dia 2, fora cruelmente chacinado pelos liberais o conservador e maior autoridade local, o capitão Manoel José da Silveira, da família fundadora do local, ao qual emprestara o nome – Silveiras. O combate foi com a vanguarda de Caxias, que se encontrava em Guaratinguetá.

Em 20 de maio, Caxias mandara ao comandante militar dos revolucionários carta nestes termos, na tentativa de evitar a sorte das armas:

"Que pretende? Quer V. S. empunhar as armas contra o governo legítimo de nosso Imperador? Não o creio porque o conheço de muito tempo, sempre trilhando o caminho do dever e da honra. . . Acabo de chegar da Corte munido de autoridade para tudo aplanar. Não tenho sede de sangue de meus patrícios, porém não deixarei de cumprir meus deveres como militar. Ainda é tempo, não ensanguentemos o solo que nos viu nascer e não acendamos a guerra civil nesta bela província para não a vermos reduzida ao estado da do Rio Grande de São Pedro do Sul e sua vizinha. Responda-me e não se deixe fascinar por vinganças alheias."

Não atendido em seu apelo, Caxias teve de cumprir seu dever, com firmeza e doçura.

Antes de retornar ao Rio e ainda em São Paulo, em 5 de julho, Caxias escreveu à esposa:

"Meu bem. Hontem te escrevi uma carta por intermédio do Ministro da Guerra remetendo-te 200 mil réis para fazeres um vestido muito bonito com que devemos ir ao primeiro baile que houver aí no Rio depois de minha chegada. . . . . .

Beijos às nossas filhas. Teu Luiz."

Segundo Vilhena de Moraes, a quantia enviada para o vestido equivalia a um mês de gratificação de Caxias, correspondente ao comando que recebera.

Em 13 de julho, quando retornava ao Rio, em Guaratinguetá, Caxias soube de sua nomeação para pacificar Minas Gerais, também com carta branca como o fizera em São Paulo.

A PACIFICAÇÃO DE MINAS GERAIS – Em 10 de junho, três dias após a vitória de Caxias, em Venda



Ataque Revolucionário a Queluz, atual conselheiro Lafaiete, MG.

Grande, estourou a revolta em Barbacena, pelos mesmos motivos da paulista. A câmara aclamou presidente interino de Minas o coronel José Feliciano, futuro Barão de Cocais, que chegou a tomar medidas administrativas.

A Corte, temerosa que o movimento se generalizasse pelo Brasil, tomou as seguintes providências: desarticular a possibilidade de revolta no Rio pela adoção do estado-de-sítio; convocar guardas nacionais da reserva, em licença e férias, e os funcionários públicos em disponibilidade; tornar obrigatório o salvo-conduto para viagens em Minas; ordenar a prisão dos líderes do Partido Liberal; e direcionar para Minas os guardas nacionais que conseguiu mobilizar, bem como algumas unidades do Exército.

Os revolucionários tiveram a pronta adesão de São João del Rei, Queluz (Conselheiro Lafaiete) e outras cidades do Sul de Minas ou ao Norte e Leste de Ouro Preto. Esta resistiu à revolução, sob a liderança do presidente legal, Bernardo Veiga, que bateu os revolucionários em Mendanha (23 de julho) e Presídio (25 de junho), o que estimulou a reação à revolução. Mas, apesar disto, os revolucionários dominavam a parte mais populosa de Minas e as comunicações com o Rio de Janeiro, fortificaram-se em Queluz e fizeram de São João del Rei a sua capital. Aí decidiram conquistar Ouro Preto, com forças de Baependi, São João del Rei e Barbacena, após unirem-se

ao forte das forças revolucionárias, em Cataguases. Foi quando tiveram conhecimento da pacificação de São Paulo, o que provocou a diminuição da euforia inicial.

A vitória que obtiveram em Queluz, em 26 de julho, reacendeu a chama revolucionária. Caxias chegou a Ouro Preto em 6 de agosto para pacificador Minas. Sua fama fez os revolucionários desistirem de atacar Ouro Preto e levou-os a evacuarem Queluz. Divergências começaram a dividir os revolucionários, que se dirigiram para o Leste e conquistaram, com pouca luta, Sabará, em 13 de agosto. Aí procuraram negociar uma rendição condicional, que não foi aceita. Inseguros, os revolucionários procuraram concentrar-se no arraial de Santa Luzia, que proporcionava, por sua posição numa serra, comandamento de vistas e fogos sobre os seus acessos, além de estarem apoiados com um de seus flancos no Rio das Velhas.

Em 20 de agosto teve lugar o memorável combate de Santa Luzia, vencido com dificuldade pelas forças legais, que ali fizeram frente a 3.300 revolucionários, que souberam tirar grande partido tático das excelentes condições defensivas oferecidas pelo terreno. Com a vitória de Caxias teve fim a revolta de Barbacena, que durou dois meses e dez dias e que causou sérias preocupações à Corte, por sua maior consistência militar.

Caxias entrou vitorioso e aclamado em Ouro Preto, em 1º de setembro; em 29 de agosto, havia sido promovido a marechal-de-campo graduado (o atual posto de general-de-divisão), com 39 anos de idade. Dois meses após, em 2 de novembro, assumia, no Rio Grande do Sul, a presidência e o comando das Armas da Província para pacificá-la, o que aconteceria em 1º de março de 1845, com a Paz de Ponche Verde.

Enfim, as pacificações do Maranhão, de São Paulo, de Minas Gerais e do Rio Grande Sul prepararam Caxias, providencialmente, para que ele conduzisse os brasileiros à vitória nas guerras externas contra Oribe e Rosas (1851-1852), e contra o Paraguai (1866-1868). Caxias deixou, para a história militar mundial, um exemplo magnífico de como conduzir campanhas militares contra patrícios divergentes.

Em suas campanhas de pacificação via nos adversários irmãos rebelados e não inimigos: Miguel Frias, líder de uma revolução no Rio, pacificada por Caxias, foi o seu chefe de Estado-Maior na Revolução Farroupilha; José Mariano de Matos, Ministro da Guerra farrapo foi o seu chefe de Estado-Maior na guerra contra Oribe e Rosas.

Eis aí parte da explicação de sua maior característica, segundo Taunay: "A simplicidade na grandeza."

Colaboração de Cláudio Moreira Bento, Coronel da reserva e historiador militar, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de São Paulo, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, e do de Geografia e História Militar do Brasil.



"GARRA", UM EXCELENTE ÁLBUM FOTOGRÁFICO, TOTALMENTE EM CORES, SOBRE O EXÉRCITO BRASILEIRO, PUBLICADO PELA ACTION EDITORA, COM FOTOS DO RENOMADO FOTÓGRAFO CARLOS LORCH.

CONCORRA A ESTE VALIOSO BRINDE!

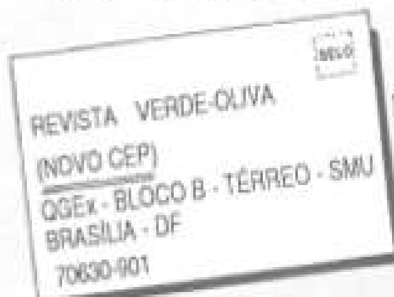
COMO PARTICIPAR DO CONCURSO:

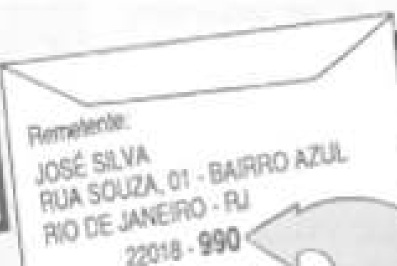
Basta enviar um envelope com o seu nome, endereço e CEP **(o novo CEP)**, que agora tem mais três algarismos.

A redação necessita saber o seu novo **CEP COMPLETO.**

Sem esta informação - lamentavelmente - a sua Verde-Oliva poderá chegar com grande atraso ou, o que é pior, simplesmente não chegar às suas mãos, porque, apesar de toda a boa vontade com o nosso caro leitor, a redação não tem meios de atualizar, um a um, todos os milhares de códigos de nossa listagem.

Preencha um envelope (pode ser vazio), conforme o exemplo abaixo e remeta-nos.





IMPORTANTE: SEM A INFORMAÇÃO DO NOVO CEP, O SEU ENVELOPE NÃO PARTICIPARÁ DO SORTEIO. E A REVISTA VERDE-OLIVA PODERÁ NÃO CHEGAR AO SEU ENDEREÇO.

CONCORRA AO BRINDE E COLABORE COM A REDAÇÃO!



Instrução: atividade incessante na MMBIP.

co, assessor de Infantaria no período 1966/1968.

A MMBIP HOJE – A organização e as responsabilidades iniciais da Missão sofreram expressivas ampliações com o passar do tempo até o ano do cinqüentenário. Hoje, a MMBIP possui quinze militares brasileiros: treze oficiais (dez superiores e três capitães), um subtenente e um 1º sargento, além de um efetivo do Exército Paraguaio de cerca de quinze graduados e soldados e cinco funcionários públicos civis das Forças Armadas Paraguaias que lá estão lotados.

Os oficiais exercem atividades internas necessárias ao funcionamento da Missão como Organização Militar e externamente são instrutores e assessores de várias organizações militares do país amigo, exercendo o duplo papel militar-diplomático que a missão exige. Os graduados cumprem missões internas e auxiliam nas instruções.

Nossos instrutores ministram aulas em todos os Estabelecimentos de Ensino Militar paraguaios: ECEME, EPOE (Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais), COLÉGIO MILITAR (que é como a nossa AMAN), LICEU ACOSTA ÑU (similar à nossa Escola Preparatória), ESOFA (Escola de Suboficiais-Graduados), ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS FORÇAS ARMADAS, ESCOLA DE EQUITAÇÃO e ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Nessas Escolas, além das aulas específicas, inerentes a cada Arma e Serviço, eles montam e conduzem Exercícios no Terreno, elaboram currículos, ministram cursos para instrutores, elaboram documentação de aula para os escalões Batalhão, Brigada, Divisão e Exército de Campanha, criam e corrigem provas, orientam demonstrações e realizam cursos práticos, como o de Comunicação Social, por exemplo, e ainda ministram Estratégia, Defesa Territorial e organizam e avaliam monografias. Tudo isto gera uma ponderável e diversificada carga horária.

Como assessores nas diferentes áreas, colaboram no planejamento do ano de instrução, na elaboração de documentos variados de cada Arma ou Serviço, sempre consoante as diretrizes das organizações interessadas, participam de inspeções de instrução, cooperam na montagem de exercícios e demonstrações, traduzem manuais para o espanhol e participam ativamente de exercícios, particularmente no Regimento Pára-quedista e no Centro de Instrução de Operações Especiais.

Como é fácil depreender do exposto, a atividade na Missão é eminentemente descentralizada, onde vários eventos podem ocorrer simultaneamente. Tal característica confere dinamismo ímpar às suas tarefas e impõe enormes responsabilidades aos seus integrantes.

No tocante às atividades desenvolvidas nas Escolas, sem dúvida, é a EPOE (Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais) o grande e tradicional "carro-chefe" da Missão, não somente pelo fato de ter sido criada e organizada por ela, como pelo valor da carga horária que lhe é destinada.

É a MMBIP uma extensão do Exército Brasileiro no exterior, onde predominam permanentemente os valores que configuram nossa Instituição: trabalho, amizade, respeito, responsabilidade, competência e honestidade.

Alojamento de oficiais da Missão em Marizcal Estigarribia.



ao forte das forças revolucionárias, em Cataguases. Foi quando tiveram conhecimento da pacificação de São Paulo, o que provocou a diminuição da euforia inicial.

A vitória que obtiveram em Queluz, em 26 de julho, reacendeu a chama revolucionária. Caxias chegou a Ouro Preto em 6 de agosto para pacificador Minas. Sua fama fez os revolucionários desistirem de atacar Ouro Preto e levou-os a evacuarem Queluz. Divergências começaram a dividir os revolucionários, que se dirigiram para o Leste e conquistaram, com pouca luta, Sabará, em 13 de agosto. Aí procuraram negociar uma rendição condicional, que não foi aceita. Inseguros, os revolucionários procuraram concentrar-se no arraial de Santa Luzia, que proporcionava, por sua posição numa serra, comandamento de vistas e fogos sobre os seus acessos, além de estarem apoiados com um de seus flancos no Rio das Velhas.

Em 20 de agosto teve lugar o memorável combate de Santa Luzia, vencido com dificuldade pelas forças legais, que ali fizeram frente a 3.300 revolucionários, que souberam tirar grande partido tático das excelentes condições defensivas oferecidas pelo terreno. Com a vitória de Caxias teve fim a revolta de Barbacena, que durou dois meses e dez dias e que causou sérias preocupações à Corte, por sua maior consistência militar.

Caxias entrou vitorioso e aclamado em Ouro Preto, em 1º de setembro; em 29 de agosto, havia sido promovido a marechal-de-campo graduado (o atual posto de general-de-divisão), com 39 anos de idade. Dois meses após, em 2 de novembro, assumia, no Rio Grande do Sul, a presidência e o comando das Armas da Província para pacificá-la, o que aconteceria em 1º de março de 1845, com a Paz de Ponche Verde.

Enfim, as pacificações do Maranhão, de São Paulo, de Minas Gerais e do Rio Grande Sul prepararam Caxias, providencialmente, para que ele conduzisse os brasileiros à vitória nas guerras externas contra Oribe e Rosas (1851-1852), e contra o Paraguai (1866-1868). Caxias deixou, para a história militar mundial, um exemplo magnífico de como conduzir campanhas militares contra patrícios divergentes.

Em suas campanhas de pacificação viu nos adversários irmãos rebelados e não inimigos: Miguel Frias, líder de uma revolução no Rio, pacificada por Caxias, foi o seu chefe de Estado-Maior na Revolução Farroupilha; José Mariano de Matos, Ministro da Guerra farrapo foi o seu chefe de Estado-Maior na guerra contra Oribe e Rosas.
Eis aí parte da explicação de sua maior característica, segundo Taunay: "A simplicidade na grandeza."

Colaboração de Cláudio Moreira Bento, Coronel da reserva e historiador militar, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de São Paulo, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, e do de Geografia e História Militar do Brasil.

CONCORRA A ESTE VALIOSO BRINDE!



"GARRA", UM EXCELENTE ÁLBUM FOTOGRÁFICO, TOTALMENTE EM CORES, SOBRE O EXÉRCITO BRASILEIRO, PUBLICADO PELA ACTION EDITORA, COM FOTOS DO RENOMADO FOTÓGRAFO CARLOS LORCH.

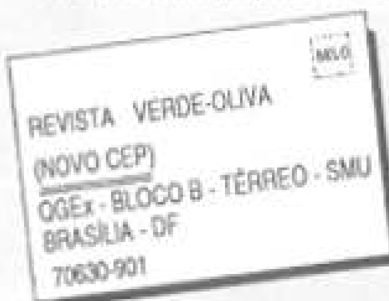
COMO PARTICIPAR DO CONCURSO:

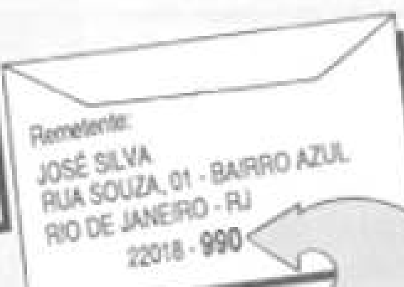
Basta enviar um envelope com o seu nome, endereço e CEP **(o novo CEP)**, que agora tem mais três algarismos.

A redação necessita saber o seu novo **CEP COMPLETO.**

Sem esta informação - lamentavelmente - a sua Verde-Oliva poderá chegar com grande atraso ou, o que é pior, simplesmente não chegar às suas mãos, porque, apesar de toda a boa vontade com o nosso caro leitor, a redação não tem meios de atualizar, um a um, todos os milhares de códigos de nossa listagem.

Preencha um envelope (pode ser vazio), conforme o exemplo abaixo e remeta-nos.





IMPORTANTE: SEM A INFORMAÇÃO DO NOVO CEP, O SEU ENVELOPE NÃO PARTICIPARÁ DO SORTEIO, E A REVISTA VERDE-OLIVA PODERÁ NÃO CHEGAR AO SEU ENDEREÇO.

CONCORRA AO BRINDE E COLABORE COM A REDAÇÃO!



Instrução: atividade incessante na MMBIP.

co, assessor de Infantaria no período 1966/1968.

A MMBIP HOJE – A organização e as responsabilidades iniciais da Missão sofreram expressivas ampliações com o passar do tempo até o ano do cinqüentenário. Hoje, a MMBIP possui quinze militares brasileiros: treze oficiais (dez superiores e três capitães), um subtenente e um 1º sargento, além de um efetivo do Exército Paraguaio de cerca de quinze graduados e soldados e cinco funcionários públicos civis das Forças Armadas Paraguaias que lá estão lotados.

Os oficiais exercem atividades internas necessárias ao funcionamento da Missão como Organização Militar e externamente são instrutores e assessores de várias organizações militares do país amigo, exercendo o duplo papel militar-diplomático que a missão exige. Os graduados cumprem missões internas e auxiliam nas instruções.

Nossos instrutores ministram aulas em todos os Estabelecimentos de Ensino Militar paraguaios: ECEME, EPOE (Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais), COLÉGIO MILITAR (que é como a nossa AMAN), LICEU ACOSTA ÑU (similar à nossa Escola Preparatória), ESOFA (Escola de Suboficiais-Graduados), ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS FORÇAS ARMADAS, ESCOLA DE EQUITAÇÃO e ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Nessas Escolas, além das aulas específicas, inerentes a cada Arma e Serviço, eles montam e conduzem Exercícios no Terreno, elaboram currículos, ministram cursos para instrutores, elaboram documentação de aula para os escalões Batalhão, Brigada, Divisão e Exército de Campanha, criam e corrigem provas, orientam demonstrações e realizam cursos práticos, como o de Comunicação Social, por exemplo, e ainda ministram Estratégia, Defesa Territorial e organizam e avaliam monografias. Tudo isto gera uma ponderável e diversificada carga horária.

Como assessores nas diferentes áreas, colaboram no planejamento do ano de instrução, na elaboração de documentos variados de cada Arma ou Serviço, sempre consoante as diretrizes das organizações interessadas, participam de inspeções de instrução, cooperam na montagem de exercícios e demonstrações, traduzem manuais para o espanhol e participam ativamente de exercícios, particularmente no Regimento Páraquedista e no Centro de Instrução de Operações Especiais.

Como é fácil depreender do exposto, a atividade na Missão é eminentemente descentralizada, onde vários eventos podem ocorrer simultaneamente. Tal característica confere dinamismo ímpar às suas tarefas e impõe enormes responsabilidades aos seus integrantes.

No tocante às atividades desenvolvidas nas Escolas, sem dúvida, é a EPOE (Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais) o grande e tradicional "carro-chefe" da Missão, não somente pelo fato de ter sido criada e organizada por ela, como pelo valor da carga horária que lhe é destinada.

É a MMBIP uma extensão do Exército Brasileiro no exterior, onde predominam permanentemente os valores que configuram nossa Instituição: trabalho, amizade, respeito, responsabilidade, competência e honestidade.

Alojamento de oficiais da Missão em Marizcal Estigarribia.



MAIOR SEGURANÇA E PODER DE FOGO

ESPINGARDA DE REPETIÇÃO

Específica para o uso de forças policiais, a Espingarda de Repetição (Pump Action) CBC, Mod. 586 P, é indicada para situações em que confiabilidade e qualidade são fundamentais.

Proporciona alto poder de fogo, rapidez de tiro, maior capacidade e facilidade de acionamento, graças ao sistema de alimentação por ação deslizante.

Este tipo de arma vem sendo adotado pelas forças policiais de diversos países, com pleno êxito.

1 - Cano: 19'' (483 mm)
Choke: cilíndrico
2 - Carregador tubular: com capacidade para 7 cartuchos 70 mm (2 3/4'') ou 6 cartuchos 76 mm (3'')
Calibre: 12
3 - Sistema de alimentação: por ação deslizante
4 - Dupla corrediça: facilita a ação deslizante de alimentação
5 - Câmara: 3''
Peso: 3,300 kg
Comprimento total: 39,5'' (1.003 mm)
6 - Receptáculo e guarda-mato: em aço usinado
7 - Coronha: em imbuia envernizada
8 - Soleira: de borracha, amortecendo o recuo de tiro



COMPANHIA BRASILEIRA DE CARTUCHOS
Av. Industrial, 3330 - Cx. Postal 51 - Fone (011) 449-5600 - Fax (011) 454-6470
Telex (11) 44007 CBCA BR - CEP 09080 - Santo André - SP - Brasil.



O sonho de adquirir sua casa própria pode ser realizado. Depende de você.



FAM - Fundo de Apoio à Moradia.

A poupança com seguro de vida para ajudar você a realizar o sonho da casa própria e garantir a seg
da sua família. ☐ Se, até hoje, você não conseguiu realizar o sonho da casa própria, nós temos uma maneira para auxiliá-l
luta: o FAM — Fundo de Apoio à Moradia. ☐ O FAM funciona como uma poupança planejada, só que vinculada a um Seguro
em Grupo. Foi idealizado e instituído pela FHE — Fundação Habitacional do Exército — especialmente para ajudar os m
dessa força a adquirirem a casa própria. ☐ Hoje, porém, os militares da Aeronáutica, da Marinha e os funcionários civis do Mi
do Exército, bem como os do Sistema FHE/POUPEX também podem contar com os benefícios do FAM. ☐ Apesar de estar
prioritariamente para a formação de um fundo destinado à aquisição da casa própria, o saldo e os rendimentos da POUPEX t
podem ser retirados em outras circunstâncias, de acordo com o plano contratado. ☐ Para maiores informações, procure
nas representações da FHE ou, então, o representante do Sistema FHE/POUPEX em
sua OM ou pelo DDG (061) 800-3131. ☐ Mas, desde já, você pode estar certo de uma
coisa: poupando com inteligência, você vai tornar a compra de sua casa própria mais
fácil do que imagina. ☐ E, ainda de quebra, você tem um Seguro de Vida para amparo
da sua família. ☐ Não perca tempo. Você e sua família merecem um futuro tranqüilo.



FUNDAÇÃO HABITACIONAL DO EX



ASSOCIAÇÃO DE POUPANÇA E EMPR